

Relevância ao contar História às gerações

Relevance when telling History to Generations

Relevancia al contar la historia a generaciones

CASSIO EDUARDO BUSCARATTO¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

RESUMO: Este artigo procede de uma pesquisa-ação, com base empírica de abordagem metodológica colaborativa com viés prático de cunho qualitativo e bibliográfico, que pretendeu alcançar ações efetivas nas transformações no campo social. É relevante o contar histórias à natureza humana, começando desde a primeira infância no lar, passando por todas as gerações de sua existência. Contar história tem sido uma prática dos antepassados em volta da fogueira e desde então, tem sido uma ferramenta que auxilia na formação do caráter e da personalidade humana. Ao ouvir histórias a criança desenvolve o cognitivo, o afetivo e o social, formando os aspectos ético e moral, na confiança, na autonomia e na resolução de conflitos. O ambiente escolar é outro local de aprendizado em que as histórias devem ser inseridas. Como resultado, conclui-se que as histórias fazem parte da vida de todos os seres humanos, e o resultado irá depender de como foi colocado em prática.

HISTÓRIAS. FAMÍLIA. SOCIEDADE.

ABSTRACT: This article is an action research based on a collaborative approach with practical bias of qualitative and bibliographic nature, which aims to achieve effective actions in the transformations in the social field. It is relevant to tell stories for the formation of the child, starting from early childhood in the home, going through all the phase of life. Storytelling has been a praxis of the ancestors around the campfire and since then has been a tool that assists in the formation of the character and personality of the child. By bearing stories, the child develops the cognitive, affective and the social, forming the ethical and moral aspects, in trust, autonomy and conflict resolution. The school environment is another place of learning where stories should be inserted. As a result, it is concluded that the stories are part of the life of all human beings, the result will depend on how it was put into practice.

STORIES. FAMILY. SOCIETY.

¹ O Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico de Londrina (1988) e Unicesumar (2012), graduação em Filosofia pela Faculdade Integradas de Teologia e Filosofia (1995), graduação em História pelo Uniasselvi (2009). Especialização em ensino de História e História, Arte e Cultura. Mestrado e doutorado em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos (2013). Exerce trabalho voluntário - Agape Puppets do Brasil, professor e ministro da IPI do Brasil, foi professor de história e filosofia do Centro de Educação de Jovens e Adultos e atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Tem experiência na área de História, com ênfase em Ensino de História, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, história da educação, contação de histórias.

RESUMEN: Este artículo es una investigación de acción basada en un enfoque colaborativo con sesgo práctico de carácter cualitativo y bibliográfico, que tiene como objetivo lograr acciones efectivas en las transformaciones en el campo social. Es relevante contar historias para la formación del niño, comenzando desde la primera infancia en el hogar, pasando por toda la fase de la vida. La narración ha sido una praxis de los ancestros alrededor de la fogata y desde entonces ha sido una herramienta que ayuda en la formación del carácter y la personalidad del niño. Al escuchar historias, el niño desarrolla lo cognitivo, afectivo y social, formando los aspectos éticos y morales, en la confianza, la autonomía y la resolución de conflictos. El entorno escolar es otro lugar de aprendizaje donde se deben insertar historias. Como resultado, se concluye que las historias son parte de la vida de todos los seres humanos, el resultado dependerá de cómo se puso en práctica. Relevancia al contar la historia a generaciones.

HISTORIAS. FAMILIA. SOCIEDAD.

Introdução

A vida passa tão rápido, como um vento que sopra ou como um avião que rabisca o céu. Você já parou para pensar no tempo vivido e o tempo que tem para viver?

O ser humano da atualidade tem acesso às redes sociais, sabe sobre as novas tecnologias, as tendências da moda, os últimos avanços e descobertas da ciência, o último sucesso musical e o mundo do trabalho. Porém, sabe pouco de si mesmo, seu propósito e a razão de sua existência e muito menos da sua própria história. A trajetória humana está sempre em buscas de respostas que solucionem seus conflitos.

Esta pesquisa objetivou contar histórias como meio de formar e transformar vidas. Nos quais, os momentos em que se têm histórias reúne pessoas, aproximam vidas, realizam sonhos e por meio do imaginário encontramos sentido a nossa existência. Assim escreveu Auster (2004, p. 172), de forma poética sobre contar histórias às gerações.

Se a voz de uma mulher que conta histórias tem o poder de trazer crianças ao mundo, é também verdade que uma criança tem o poder de dar vida a histórias. Dizem que um homem ficaria louco se não pudesse sonhar à noite. Do mesmo modo, se não é permitido a uma criança entrar no imaginário, ela nunca se verá frente a frente com o real. A necessidade de histórias que a criança sente é tão fundamental quanto sua necessidade de comida, e se manifesta da mesma forma que a fome. Conte-me uma história, diz a criança. Conte-me uma história. Conte-me uma história, papai, por favor. O pai então se senta e conta uma história para o filho. Ou então se deita no escuro ao lado dele, e começa a falar, como se não houvesse mais nada no mundo senão sua voz, contando uma história no escuro para seu filho. Muitas vezes é um conto de fadas, ou uma história de aventuras. Porém, muitas vezes não passa de um simples salto para o imaginário.

É um momento *sui generis* quando uma família descobre a importância de se contar história aos seus descendentes, cria-se laços de pertencimento entre o adulto e a criança dando ressignificação à sua infância e proporcionando momentos relevantes na vida, no ensino e na aprendizagem para todos os envolvidos. Uma garantia Constitucional assegurada pela Constituição Federal de 1998 em seu artigo 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Esse direito garantido por lei, dá a criança uma esperança de que o responsável por ela assegure com prioridade a convivência familiar, e assim, possam desenvolver-se dentro deste ambiente familiar com respeito, dignidade e proteção a sua infância. O contar histórias é um momento que as famílias podem ter a oportunidade de desenvolver e assegurar os direitos da criança.

Segundo Pinkola (1998) nenhum ser humano vai viver para sempre, mas neste caso as histórias conseguem permanecer. Se as histórias conseguem permanecer na vida do ser humano, então porque os adultos não realizam esses momentos com as crianças?

As histórias são gravadas na mente de cada ser humano. Todos os momentos de dificuldades passam, os momentos de alegrias ou tristezas passam, as tempestades passam, as pessoas passam, mas as histórias ficam gravadas na mente de quem ouviu e assim vai transmitindo para outras gerações, mas é essencial que o contar histórias esteja presente no cotidiano, para que se alcancem resultados promissores.

As famílias do século XXI precisam mudar alguns hábitos, para que as crianças experimentem a magia das histórias e fortaleçam os seus primeiros anos de vida para a estruturação das funções cerebrais, conforme afirma Wallon (1975) é na família que a criança aprende a lidar com os sentimentos, lidar com os conflitos, a raiva, a tristeza, os limites, o perdão, a frustração, o ódio e o amor, pois para viver em sociedade precisa-se respeitar os limites do outro.

Não se tem a pretensão de se reinventar a roda no aspecto de se contar histórias, mas o objetivo desta pesquisa-ação é relembrar a eficácia dos momentos de se contar os “causos”, lembranças dos tempos passados, que revitalizam a memória dos dias vividos de outrora, uma vez lembrados identificam-se as raízes da cultura local. Como sugere Casasanta (1974, p. 51).

Nos velhos tempos, o povo assentava ao redor do fogo, para esquentar, alegrar, conversar, contar casos. Pessoas que viviam longe de suas pátrias contavam e repetiam histórias para guardar sua tradição e sua língua. Contar histórias tornou-se uma profissão em vários países, como na Irlanda e na Índia. Com o advento da imprensa, os jornais e os livros tornaram o grande agente cultural dos povos. As fogueiras ficaram para trás. Os velhos contadores foram esquecidos. Mas as histórias se incorporaram definitivamente a nossa cultura. Ganharam nossas casas através da doce voz materna, das velhas babás, dos livros coloridos para o encantamento da criança.

Segundo a narrativa de Casasanta (1974), a contação de histórias eram acontecimentos da vida diária, suas histórias vividas e histórias dos seus antepassados, e com isso, transmitiam conhecimentos acumulados de crenças, mitos e costumes, perpassando-os de uma geração para outra.

Observando a História da origem do ser humano, pode-se constatar que a tradição oral foi a fonte primordial das primeiras formas de se contar histórias, combinadas com gestos e expressões dos primeiros hominídeos. Segundo Buscaratto (2015, p. 31) “as primeiras formas de narrativas primitivas eram orais, combinadas com gestos e expressões: palavras eram faladas de uma pessoa para outra, num esforço de comunicar uma mensagem ou expressar um sentimento.”

No começo da formação dos povos antigos, a tradição oral de contação de histórias foi o melhor meio de transmitir um conhecimento, conseguir a atenção do ouvinte e resgatar a memória do contador e do ouvinte, proporcionando uma ambiência mágica, encantadora, onde havia suspense e a surpresa do conto mexia com a emoção do ouvinte, no qual o enredo e os personagens são os protagonistas daquele momento, pois a história toca o coração e enriquece a alma de todos os envolvidos na teia do contador.

Malba Tahan (1957, p.124) foi um exímio contador de história, e menciona que o rabino Jesus de Nazaré fez uso de parábolas como recurso didático para se comunicar com os seus ouvintes “e o fato de encontrarmos o registro de seus ensinamentos tão comumente em forma de histórias, se não prova que este foi o método que ele mais usou, parece nos provar ao menos, que foi este o método que mais impressionou os que o seguiam”. E acrescenta Leon Dufour (1972, p.78),

Jesus foi um educador por excelência que soube se valer dos métodos de ensino utilizados em sua época, ou seja, das parábolas. A parábola, na realidade, é uma história contada por Jesus para ilustrar o seu ensinamento. No fundo da palavra grega *parabole* há a ideia de comparação, enigma, curiosidade. Mas não está nisso o essencial para explicar o gênero parabólico: é preciso entender a parábola como sendo a apresentação de símbolos, isto é, imagens tomadas das realidades terrestres para serem sinal das realidades reveladas por Deus. Elas precisam de uma explicação

mais profunda. Foi essa explicação inicial que Jesus começou e deixou para os seus seguidores darem continuidade mais tarde.

Até os dias de hoje, os discípulos de Jesus têm contado as histórias narradas em suas parábolas de geração a geração para comunicar com seus ouvintes de forma pedagógica para apresentação de seus ensinamentos.

Atualmente é muito difícil encontrar fogueiras para o momento de contar histórias, como faziam os antepassados, mas a essência de contar histórias não mudou, não parou e não caducou. As histórias têm sua importância em todas as fases da vida do ser humano.

Quando o ato de contar histórias inicia na infância, a aprendizagem acontece naquele momento, que segundo a teoria interacionista de Vigotsky (1995, p.33) “O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por outra pessoa”, ou seja, o desenvolvimento cognitivo acontece através da interação social entre pessoas que trocam experiências, surgindo novos conhecimentos.

A criança vai crescendo e aprendendo cada vez mais através das histórias, chegando a fase adulta está apta para passar o conhecimento para o outro e assim, deixar o resultado de experiências vividas e transmitidas em busca de sua identidade comunitária.

1 Procedimentos Metodológicos

Este estudo foi fundamentado em uma pesquisa-ação, que é um instrumento de investigação baseada em uma perspectiva social e educacional, como forma metodológica. Buscou-se na pesquisa bibliográfica fundamentos de sustentação para o desenvolvimento da pesquisa, com a participação do autor e dos participantes que são representados pelo NEI (Núcleo de educação infantil) da Secretaria de educação do município de Florianópolis, que proporcionou as condições investigativas de sua própria prática de uma forma crítica e reflexiva, na produção de conhecimento do tema pesquisado.

Segundo Thiollent (2009, p. 16), pode-se definir a pesquisa-ação como “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativos.”

Desta forma, pode-se entender que cada um é autor de sua própria história. A criança nasce e logo chora, enquanto outros riem, mas o bebê logo é acalentado por braços fortes de alguém da família, como demonstração de amor e carinho, vai apresentando o mundo no ensino do viver e a superar os obstáculos da vida.

Segundo Comenius (2006, p. 274), pai da Didática Moderna ressalta a importância do ensino na primeira infância, tudo o que a criança aprende levará por toda a vida, como “sentimento de piedade que deve ser inculcado desde a primeira infância” e a capacita na fase adulta a “Ensinar tudo a todos” e confirmado pelo documento da (UNESCO, 2000) Cúpula Mundial de Educação para Todos.

Mesmo sabendo que todos são marcados por experiências vividas, atualmente as famílias vivem inseridas no mundo da tecnologia, e isto, muitas vezes afastam o contato dos membros da família. Os adultos estão conectados por um aparelho de celular, enquanto as tenras crianças observam para depois duplicarem todas as atitudes iguais a dos adultos, as quais presenciaram e assim, a distância entre os membros familiares só cresce a cada ano que passa.

A tecnologia é necessária para estarmos conectados com o mundo, mas isto não poderá ser prioridade. A família precisa ter o momento de estar juntos como prioridade para uma convivência familiar agradável e amorosa, e isso acontece quando uma criança tem a oportunidade de ouvir histórias em seu lar, pois esses momentos transformam e proporcionam tanto para quem conta, como para quem ouve. Nesse sentido Barbier (2007) afirma que na pesquisa-ação é uma ação deliberada de transformação da realidade, possuindo um duplo objetivo: transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações.

Na Constituição Federal de (1988) consta o direito à educação no rol dos direitos sociais, e a proteção à maternidade e a infância. Mas, se tratando da vida de uma criança, não deveria ser necessário uma lei maior para proteger os pequeninos, e sim algo natural, pois, poder investir tempo na vida destes seres tão especiais é uma troca de amor e respeito que serão plantados, regados e colhidos durante o percurso da vida.

Muitas vezes, a família entende o seu papel de protetora, de cuidadora, de amizade e de amor, mas não sabe como realizar tudo em um só momento. O momento de contar histórias é uma excelente oportunidade para a família poder demonstrar valores essenciais à criança, preparando-a para o seu compromisso de cidadania.

As histórias são uma ferramenta dinâmica que a família deve usar para o desenvolvimento de capacidades e habilidades criativas para o conhecimento, desenvolvendo o conhecimento, refletindo as atitudes e sedimentando os valores para uma vida bem sucedida.

Os tempos mudam, a vida passa, mas a família continua sendo o alicerce para a construção de um lar, de uma vida e de um amor fraternal e infalível que são bases para uma sociedade equilibrada. Sendo a família o primeiro local onde as crianças irão ouvir histórias e se relacionar com os outros membros. Como relata Cavalcante (2004, p.67).

A importância da família na formação do leitor é imensa, visto que os primeiros anos da infância são marcados pelas relações desenvolvidas entre os pequenos e os grandes, pertencentes ao mesmo grupo de parentesco. É na família que se vai adquirir os primeiros hábitos, os valores e os gostos.

Ao contar uma história para a criança o narrador transmite confiança, motiva a atenção, desperta a admiração e o encantamento. O momento de contar histórias sempre foi uma maneira de aproximar as pessoas, momento ímpar que as crianças são proporcionadas a adquirirem conhecimento, aprendendo a fazer o seu melhor, auxiliando outros, transformando-se em seres críticos e reflexivos, com responsabilidade e respeito para viver em uma sociedade alicerçada na democracia e na justiça.

2 Contando histórias na primeira infância

A importância de contar histórias não se limita à idade, mas sim na essência de estar juntos, de aprender e crescer juntos nos valores e princípios éticos, de ouvir histórias que o identifique com suas raízes comunitárias. Mas isto, muitas vezes se torna difícil quando a família está diante de um bebê. Como posso contar uma história para um bebê?

Segundo Mello (2004, p. 142) referindo-se a abordagem sócio-histórica de **Vigotsky**, do desenvolvimento da criança, ela é mediada pelo sujeito e acontece de fora para dentro, ou seja, “não é o desenvolvimento que antecede e possibilita a aprendizagem, mas, ao contrário, é a aprendizagem que antecede, possibilita e impulsiona o desenvolvimento”. Seguindo a mesma linha, Mello afirma (2004, p.135) que,

As crianças desenvolvem intensamente, e desde os primeiros anos de vida, diferentes atividades práticas, intelectuais e artísticas e iniciam a formação de ideias, sentimentos e hábitos morais e traços de personalidade que até pouco tempo atrás jamais julgávamos possível.

Neste caso, o adulto assume o papel de mediador no desenvolvimento da criança, e fortalece o vínculo entre eles e insere os pequeninos no mundo da magia das histórias e como resultado recebe ao longo da vida o amor, o respeito, a ética e o cuidado que foram plantados pela narrativa da moral das histórias.

Como afirma Tavares (2007) nos quatro meses a criança já é capaz de se concentrar no que vê, toca e ouve, sem perder o controle, já nos primeiros três anos de vida, a criança desenvolve capacidades cognitivas devido ao interesse que manifesta sua existência e a sua forma comunicativa. Mas, pensando em um bebê pode surgir a insegurança de não conseguir contar uma história para esse ser tão frágil.

Todos os adultos são capazes de contar histórias para um bebê, basta apenas segurar o bebê no colo e seguir os seguintes passos: Em um primeiro momento, escolher uma história de algum livro ou uma história imaginária, ou mesmo uma história vivenciada na rotina diária. Num segundo momento, olhar para o bebê, usar um tom de voz suave para não assustar a criança, mostrar as gravuras, ou objetos coloridos, para aos poucos ir chamando sua atenção, cuidando com os movimentos do corpo, pois gestos bruscos podem assustar o bebê. No terceiro momento, observar por alguns segundos o ouvinte, pode até parecer que ele não entendeu nada, mas, não se engane ele vai te mostrar resultados a longo prazo.

Quem investe tempo contando uma história para um bebê, está investindo em sua formação cognitiva. Pois assegura Brazelton (2006), que a criança de seis a oito semanas usa a linguagem não verbal como o sorriso e o choro para chamar atenção de seus pais e de quem está a sua volta.

Contar história para um bebê, transforma alguns minutos em um momento de aconchego com resultados motivadores. Ao realizar a leitura de um livro infantil, contar uma história improvisada ou cantarolar alguma música, contribuirá para o desenvolvimento físico motor desta criança, pois ela é dependente do adulto responsável por sua educação e cuidado, começando com a alimentação, troca de fralda, carinho, amor, proteção desde a tenra idade.

Ao se contar histórias o adulto provoca estímulos essenciais para o desenvolvimento da linguagem que para Mello e Miller (2008 p. 03):

É importante lembrar que a fala também é aprendida pelas crianças, e elas aprendem quando falamos com elas. Não basta que os adultos falem perto das crianças. Se os adultos não falam com ela, se não provocarem suas respostas, se ela não for o sujeito de um diálogo, ela não aprende a falar. Por isso, se a criança fala pouco, precisamos conversar muito com ela e provocar sua expressão.

No momento de contar história vai acontecer conhecimento das vozes familiares e estimular as respostas ao diálogo, neste caso as respostas podem ser por expressões; que segundo Bakhtin (1990) o conhecimento é constitutivo em que o sujeito constrói o seu pensamento, a partir do pensamento do outro, portanto, uma linguagem dialógica. É um momento também para demonstrar ao bebê o quanto ele é importante, o quanto é especial e o quanto de amor e carinho existe dentro deste lar, porque a casa (estrutura) não precisa ser grande e luxuosa para adquirir conhecimento de atitudes, respeito e amor, mas o lar (círculo familiar), esse sim precisa ensinar tudo que é verdadeiro e respeitoso para uma criança, porque é isto que vai permanecer moldando suas atitudes e desenvolvendo seu caráter até a fase adulta.

Desde o nascimento de cada criança até os 12 primeiros meses de idade, ela necessita de cuidados e de proteção, alimentação adequada, higienização constante, além de sentirem-se amadas pelos pais, pela família ou por pessoas que são responsáveis por elas naquele momento. Ao contar uma história à criança, ela pode vivenciar esses momentos de cuidado e proteção, carinho e amor por quem está ao seu lado.

As histórias precisam fazer parte da rotina diária, pois o bebê, além de ouvir sons, o seu olhar está direcionado aos movimentos de quem está proporcionando este momento de carinho na magia de cada história. Mello (2004, p.144) afirma que:

Vygotsky conclui que o bom ensino não é aquele que incide sobre o que a criança já sabe ou já é capaz de fazer, mas é aquele que faz avançar o que a criança já sabe, ou seja, que a desafia para o que ela ainda não sabe ou só é capaz de fazer com a ajuda de outros.

De acordo com a teoria vigotskiana (1996) ao se referir à Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Esse conceito refere-se a diferença entre a capacidade da criança para executar uma tarefa de forma independente em relação com a execução da tarefa com orientação de um mediador. Para implementar esse tipo de ação é necessário que o mediador observe o conhecimento que a criança domina e aqueles que ainda está desenvolvendo.

Não precisa ser um contador profissional para contar histórias, simplesmente se dispor de tempo e criatividade para que esta experiência seja prazerosa, amorosa e ensinar acreditando que isto é investir tempo de qualidade. No contar histórias ficam lições de vida na formação afetiva, cognitiva, emocional, física e social. As histórias proporcionam momentos para que tudo isto aconteça.

Para que os momentos de contar histórias aconteçam, é preciso deixar as tecnologias por alguns instantes e aproximar-se do outro, lembrando que as crianças precisam ouvir mais histórias, mas, para que isso aconteça, o adulto precisa deixar as mídias sociais por alguns instantes e investir em vidas. Assim, as crianças estarão sendo preparadas para enfrentar os conflitos da vida, pois elas serão as próximas contadores de histórias e influenciadores de vidas.

As crianças vão crescendo e o adulto precisa ser criativo e ir aumentando as histórias, contadas da vida real, ou lidas em livros infantis. Tudo vai depender da criatividade e interesse do adulto que irá realizar o momento de aprendizado ou deixar o tempo passar, lembrando que tudo na vida passa muito rápido e não existe como voltar ao tempo para realizar algo que ficou inacabado.

Ao contar histórias às crianças, o adulto, segundo Vigotsky (2000) possibilita o "despertar" de processos internos de desenvolvimento; que acontece no contato do indivíduo com o ambiente cultural e a transforma pelo processo de imitação e mediação na relação com outras pessoas com maior experiência.

A Lei De Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, destaca que os primeiros anos de vida de uma criança são essenciais para o seu pleno desenvolvimento para uma fase adulta madura. É um momento de realizar uma base de vida estruturada e fortalecida para enfrentar o mundo e suas nuances.

O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida é muito importante e necessário porque neste período as histórias irão auxiliar a criança a descobrir o mundo, conhecer os narradores, reconhecer sons e vozes, sentir a magia da história, até que chega o momento em que ela irá entrar no enredo, escolher um personagem e se imaginar dentro daquela história, viajando pelo mundo da imaginação.

Como sugere Rigliski (2012, p.6) “o principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, já que devido a seu aspecto lúdico se trabalhar com as emoções como medo, tristeza, raiva, alegria, espanto, pavor, insegurança, tranquilidade, saudade e lembranças”.

Quando o adulto está contando uma história à criança, irá perceber que algumas vezes as crianças ficam admiradas com as histórias, em outros momentos ficam com medo, ou ficam emocionadas, neste momento a criança está se conhecendo e descobrindo que existe dentro dela as emoções internas, jogando para o exterior os resultados dos sentimentos desse momento de aprendizado.

As crianças gostam de ouvir histórias e a partir desta forma lúdica de ensinar, a família demonstra o conceito de pensar, decidir e conviver, sabendo compreender que os valores e princípios não mudam e a família neste momento trabalha a identidade da criança.

Segundo Young (2010, p. 34) “O desenvolvimento do cérebro humano demonstra que algumas estruturas se desenvolvem antes que outras e que o desenvolvimento cerebral é mais ativo nos primeiros anos de vida.” Com isto, as estruturas físicas e intelectuais de crescimento e aprendizagem começam a estabelecer suas fundações para o resto da vida de cada indivíduo e ouvir histórias ou contos, é importante porque tudo faz parte da infância e do aprender juntos. Tudo que é vivido neste momento influenciará no seu desenvolvimento da aprendizagem e deixará marcas para toda a sua existência.

Pode-se ler ou contar histórias, com auxílio de livros ou histórias familiares vivenciadas, irá depender do adulto que está desenvolvendo e investindo o tempo com a criança. Independente da forma que a história for contada a essência será sempre a mesma, unindo vidas, entrelaçando sentimentos de amor que será lembrado entre gerações.

3 Escrevendo Histórias: transformando vidas

Quando a criança está no início do conhecimento da leitura e escrita surge o interesse de escrever as palavras, o nome dos personagens e depois escrever as histórias, pois o momento é de descoberta das literaturas.

A criança está amparada pela Constituição Federal (1998) para que tenha incentivo, e que se desenvolva no meio da família e na sociedade, participando da educação escolar e se preparando para uma vida futura de qualificações e de cidadãos críticos.

Quando a criança está no processo de início da aprendizagem de leitura e escrita, a história é uma ferramenta que vai ajudá-la a ouvir, escrever, ler e interpretar o que leu. Ela gosta de observar as gravuras das histórias e tentar copiar os gestos, observar os personagens envolvidos e se comportar como o que ela mais se identifica.

Quando a criança chega na escola aprende que ali é um lugar de preparação e superação, respeito e amizade, conteúdo e troca de experiência. A escola é um espaço diferente do espaço familiar, mas é outro lugar em que se ouve muitas histórias, como afirma Freire (1982, p 92) “escola é um lugar de fazer amigos e conviver com pessoas” e acrescenta que “através de permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam à história e se fazem seres históricos sociais”.

É na educação escolar que se observa que muitas pessoas têm histórias bem parecidas uma com as outras, e diferentes que irão ajudar e ensinar a conviver como cidadãos conscientes dentro de uma mesma comunidade.

Uma criança a média de 7 anos de idade consegue ouvir e entender contos maiores e mais elaborados e gostam de histórias de aventuras, participando com intensidade e alegria. E assim, aos poucos a criança vai entendendo outros tipos de textos como: mitos, lendas e outros contos. Para que isto se torne possível é necessário que o adulto sempre esteja preparado para uma nova história.

Quando uma história é contada de uma forma descontraída, as crianças enriquecem as suas experiências infantis, desenvolvendo a confiança, a criatividade e a motivação para enfrentar os desafios, sonhando que será capaz de ser herói na vida.

A escola tem a oportunidade através das histórias infantis, de contribuir para a formação da criança, oferecendo excelentes materiais pedagógicos e de literatura infantil, de diversos autores como: Charles Perroult, Irmãos Grimm, Hans Cristian Andersen, Jean de La Fontaine, Daniel Mundukuru, Antoine de Saint-Exupéry, Monteiro Lobato, Ziraldo, Ruth Rocha, Maurício de Sousa, Roseana Murray, Eva Furnari, Fernando Vilela, Duda Machado, Ana Maria Machado, Angela Lago, Mariana Massarani, Odilon Moraes, Cecília Meireles dentre outros... Conforme afirma Coelho (2000, p. 141),

[...] a literatura infantil vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor a que se destina [...] e consciente de que uma das mais fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação – espaço ideal da literatura. É pelo imaginário que o “eu” pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo.

Na literatura infantil a criança se envolve por completo no mundo da fantasia, da magia, do humor, do encanto, da maneira lúdica e agradável, transferindo tudo isto para a vida real.

Segundo Buscaratto (2015, p.39) “uma criança pequena, em contato com livros de imagens simples, de fácil leitura visual, ao ouvir histórias contadas pelos adultos, nomeia objetos de conhecimento cotidianos e assim vai abrangendo sua linguagem.”

E, com o manuseio desses livros aumenta muito a intensidade de imaginação e isso a levará a uma criatividade fantástica, porque as histórias destes livros irão desenvolver a linguagem oral e a liberdade de ser, construir, participar e se expressar demonstrando segurança no falar, no agir e no pensar. Como elucida Priolli (2019, p. 4) a importância de ler para as crianças:

1º Para a formação de bons leitores, é fundamental que as crianças com até 3 anos de idade apreciem e valorizem a escuta e a leitura de histórias desde pequenas. 2º A criança cria o hábito de escutar histórias, valorizando o livro como fonte de conhecimento e entretenimento. 3º A escuta de histórias na escola oportuniza momentos prazerosos em grupo, enriquece o imaginário, amplia o vocabulário, além de familiarizar a criança com a leitura, uma prática valorizada pela sociedade.

Na escola a criança adquire aprendizado para sua vida através das histórias, pois segundo Priolli (2019) nesses momentos de escuta de histórias as crianças ampliam seu conhecimento e sentem-se mais inspiradas e motivadas em seu imaginário.

Já na fase da adolescência a história é contada com olhar reflexivo, de novas descobertas e que sua própria história que por mais difícil que seja, ele vai recriar e transformar em uma outra história que será superada e sempre com um final feliz que inspirará outros.

Precisamos entender que a adolescência é o momento de intensa reestruturação da imaginação, que no entender de Vigotsky (2009, p. 48) “de subjetiva ela se transforma em objetiva” (p. 48). A “crise” que se costuma associar à adolescência nada mais é que a formação do organismo e do cérebro adultos e o antagonismo entre a subjetividade pura da imaginação e a objetividade dos processos racionais que o define como idade de transição crítica.

Na adolescência, o contar histórias, na maioria das vezes é para impressionar alguém ou para mostrar a si mesmo que tem uma ótima história de aventura e motivação. Isto acontece diariamente, mas quando se reúne em grupo é que aparecem muitas histórias divertidas que são contadas e de uma forma descontraída, e todos se divertem riem muito e se divertem juntos.

A história é um instrumento que pode ser usada pelos educadores de uma forma lúdica, para transformar as horas escolares em momentos que será sempre recordada, como momento de alegria e crescimento, entendendo que o mundo real, é estar sempre relacionando uns com os outros.

Ao registrar as histórias ocorridas em um ambiente escolar, tenta-se entender o motivo de estar naquele momento dentro de um espaço, em que muitas histórias se entrelaçam com as histórias dos colegas, abstraído da escola como um local de desafios e aprendizagem, entendendo que todos os dias aprendemos valores, princípios, ética, moral e verdade, isto realmente é viver.

Na fase da adolescência, muitas vezes, tudo é relatado em um diário, que se juntar todas as anotações, certamente terá uma bela história. Escreve-se sobre as reflexões, indignações e opiniões da vida diária de cada um, mostrando que este é um momento da sua história e que ficará escrito e marcado em sua memória como momentos de desafios da vida.

Na fase da adolescência que se percebe a capacidade de refletir, amadurecer ideias, construir sua identidade e definir projetos profissionais de vida, aliado a uma fase de conflitos, definições de escolhas de valores e necessidades. Os adolescentes formam sua identidade psicológica própria, o que chama Kroger (1993 p. 87) de "uma nova estrutura psicológica, maior do que a soma de suas partes".

Na formação cognitiva o jovem adolescente em contato com a leitura e linguagem escrita, desenvolve seu senso crítico em relação ao mundo. Desperta seu sentimento de como saber fazer e aguça sua autonomia que segundo Coelho (2002, p.40) “deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no mecanismo da leitura”. O jovem começa a ter um senso crítico de mundo.

A história de relato de experiência ou história vivida, tem começo, meio e fim. E o meio é um momento muito rápido em que na maioria das vezes é preciso enfrentar os desafios e continuar escrevendo uma história real, com mais emoção e alegria. Conforme afirma Freire, (2000, p.79) “não somos somente objeto da história, mas sujeitos também. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”.

Portanto, não existe idade específica para ouvir histórias, mas sim, de mudança de vida e atitudes. As histórias transformam a vida de crianças, jovens e adultos, dando ressignificação para os momentos diários de cada pessoa.

Mesmo em tempos de modernidade, a literatura desperta momentos de magia e fantasia, que vão marcar a vida das pessoas, momentos esse que dinheiro nenhum poderá comprar. Pois, na infância, se ouve histórias, emociona-se com desfechos incríveis e sonha em escrever um final para a história real da vida. Na adolescência é possível colocar adrenalina nas histórias ouvidas, e seguir para a fase adulta com maior maturidade e coragem para vivenciar um final feliz na história vivida.

4 Contando Histórias: marcando gerações

Chega-se a fase adulta e algumas pessoas geralmente gostam de contar suas histórias e lembrar-se de que uma história vivida é reviver o passado, que foi marcado pelas experiências adquiridas.

É na fase adulta que o ouvinte tem a oportunidade de se enriquecer e alimentar sua imaginação, ampliar seu vocabulário, autenticar sua identidade, descobrir o propósito da sua vida, bem como, aprender a aceitar e refletir sobre a existência humana. Adultos também gostam de ouvir histórias, e se o mesmo teve esse momento na sua infância irá transmitir para outros, como meio de unir e descontraír, para viver em harmonia e com tempo de qualidade, que a vida oferece de presente diariamente a todos os seres humanos.

O adulto gosta de ouvir, mas também de contar histórias. Quando está em uma roda de amigos, tanto ouve histórias, como também pode contribuir com sua experiência contando a sua história, ou histórias que ouvia na sua infância. Isto acontece quando ele está em um local onde se sente seguro e confiante, e nessa roda de conversa com os amigos, família ou num ambiente escolar, todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo através das histórias.

Erikson (1976, p. 138) contribui com a importância do convívio com os outros na fase adulta indicando que,

A evolução fez do homem um animal tanto ensinante como aprendiz, visto que dependência e maturidade são recíprocas; O homem maduro necessita ser necessitado e a maturidade é guiada pela natureza daquilo que deve ser assistido. A *generatividade* é, pois, de modo primordial, a preocupação em estabelecer e orientar a geração seguinte.

Esse conhecimento permite uma troca de experiências entre o narrador e o interlocutor formulando uma reflexão dialógica. As histórias pessoais são transmitidas de uma forma natural, porque fazem parte da vida cotidiana, construindo a identidade de cada um, expondo suas vivências sociais e culturais.

No campo da pesquisa ação os sujeitos da investigação foram os NEI e as Creches do município de Florianópolis que de acordo com Thiollent (2009, p. 21) na “pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de decisão que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação.” Tivemos a implicação de que as histórias também permitem o desenvolvimento do pensamento lógico, o desenvolvimento cognitivo, estimula a concentração e a vivência de momentos de humor e diversão, aprendendo a enfrentar e solucionar conflitos, adquirindo valores e princípios para uma vida melhor.

As histórias possuem a magia de falar de tristeza, desconfortos, revelações, crise amor, amizade de uma forma e aceitável e possível, cultivando a esperança, o sonho, o acreditar naquilo que deseja e o mais importante não nos tira a ilusão de que existem finais felizes.

Quem não ouviu uma história quando criança, no meio familiar ou na escola, na igreja ou até mesmo ao redor da fogueira, e ainda, ao redor de um fogão à lenha? Quem não se lembra de alguma história inesquecível que uma pessoa te contou? Quem não sente saudade de um momento em que ouvia histórias contadas pelos pais ou avós?

Pode-se observar a importância em contar histórias em todas as idades, mas, o adulto que foi uma criança um dia e que teve a oportunidade de ouvir e participar de momentos tão especiais como estar na magia das histórias. Ele terá um desenvolvimento mais satisfatório na fase adulta e terá o prazer em contar histórias para sua geração e assim, o círculo vai girando e formando outros contadores de histórias.

Aprende-se com os mais vividos, que a vida é construída pelo entrelaçamento da experiência passada, da história raiz dos antecedentes, da infância que ouviram dos pais e avós, pois a vida vai se formando a cada minuto vivido, resultando a identidade cultural como afirma Leontiev, 1978, p. 272).

Os tesouros da cultura continuariam a existir fisicamente, mas não existiria ninguém capaz de revelar às novas gerações o seu uso. As máquinas deixariam de funcionar, os livros ficariam sem leitores, as obras de arte perderiam sua função estética. A história da humanidade teria de recomeçar.

Todas às vezes, que vem à lembrança de uma história vivida, tece-se pedacinhos dos retalhos na tecelagem da vida que são entrelaçadas quando contadas. Neste momento percebe-se que adulto gosta de histórias, e isto leva a compreender a importância das histórias na vida dos adultos, contando e dispondo do seu conhecimento para transmitir emoção e encantando a todos os ouvintes, para que esta prática não fique no esquecimento, pois é muito importante compartilhar os momentos vivenciados. Que de acordo com Café (2005, p.116-117),

Há uma necessidade de reviver esta forma artística de comunicação, no contexto da atualidade – para abrir novos horizontes e possibilitar a memória dos velhos tempos; motivar fantasias vividas por meio das imagens e emoções suscitadas pelo conto; ampliar a vivência do lúdico como dimensão do homem em espaços variados; conhecer tradições da sua e de outras culturas, incentivar a leitura quando a referência é o livro impresso; também, para incentivar o registro de histórias, para que não se percam no esquecimento de quem não conta nem ouve mais histórias.

Essas histórias ouvidas ou vividas no passado, atualmente tornam-se uma fonte de inspiração para ensinar a viver em harmonia uns com os outros e com a natureza, suscitando emoções e importando-se com o outro. Conforme afirma Bosi (2003, p.15),

[...] a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdo, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

Portanto, os idosos sejam vistos como autores e protagonistas de uma sociedade mais historicamente construída, transformam-se em agentes contribuidores da História do seu entorno social, bem como elevar a sua importância para a educação, onde seus filhos e netos, são propagadores dos conceitos memória e identidade na sociedade local.

Considerações finais

A sociedade vive momentos em que as pessoas se ocupam muito tempo com as mídias, faltando tempo para investir e socializar com pessoas, com os filhos, com a família, e na maioria das vezes, parece que não existe solução para uma sociedade tão conflituosa e complexa.

Neste sentido afirmou Thiollent (2009) que na pesquisa-ação buscou-se por alternativas ao padrão de pesquisas convencionais, visando facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais não têm uma resposta satisfatória.

Como resultado de uma prática muito utilizada pelos antepassados, de forma simples e valorosa que muitas pessoas esqueceram sua práxis: O contar histórias. No resgate dessa relevante prática, que proporciona momentos de união entre familiares, amigos, e colegas em ambientes diferenciados.

Contar histórias desenvolve na criança o cognitivo, afetivo e o social, além de despertar a sua criatividade e sua sensibilidade, proporcionando o conhecimento e a criticidade, corroborando com a sua capacidade de construção do conhecimento de seu mundo. Além da contribuição da leitura que jorra na fonte do saber e do autoconhecimento àqueles que praticaram desde a infância.

O desenvolvimento da criança ao ouvir história desde a sua infância, a conduzirá a maior experiência de si mesma, levando-a conquista de sua autoestima e de sua autonomia. Proporcionando o domínio de seus temores e canalizando suas emoções de forma equilibrado na formação de sua personalidade.

Essa formação demonstra uma estrutura sólida e equilibrada em todas as diversidades da vida, e mesmo que apareça propostas moralmente desonestas, a criança terá maior discernimento para distinguir o melhor caminho a seguir, pois aprendeu na infância os princípios e valores que amálgama seu caráter e determina a sua escolha realizada.

A criança que ouve muitas histórias irá enfrentar todas as fases de sua vida fazendo e contando histórias, pois o que foi semeado na infância resultará nas outras fases de sua vida. Pois a vida é entrelaçada de escolhas feitas como colcha de retalhos que no final da tudo se une em um só objetivo.

Ouvir uma história faz o ser humano enxergar a vida como um enorme arco-íris, mesmo que tenha passado por uma enorme tempestade, se usar o imaginário para distrair-se um pouco e descansar a mente, poderá transformar o real, sabendo que depois de toda a tempestade pode-se avistar um lindo arco-íris colorindo cada minuto do capítulo da história de vida.

Observando os capítulos da nossa história de vida, podemos entender que a história da vida é a de uma viagem, onde vamos tendo novidades e momentos diferentes a cada minuto que passa, sempre podendo transferir essas emoções ao outro, por isso precisamos aproveitar os momentos em união de família e amigos e contar histórias vivenciadas. Sabendo que o último capítulo desta história é o único que não poderemos contar e nem escrever, pois quando encerrarmos a viagem, vamos para um lugar onde não existirá, canetas, cadernos, papéis ou livros, que relatam as recordações.

Sendo assim, o último capítulo da nossa história de vida é o único momento que vamos deixar para alguém contar ou escrever. Ouvir uma história faz o ser humano enxergar a vida como um enorme arco-íris, mesmo que tenha passado por uma enorme tempestade, se usar o imaginário para distrair-se um pouco e descansar a mente, poderá transformar o real, sabendo que depois de toda a tempestade pode-se avistar um lindo arco-íris colorindo cada minuto do capítulo da história de vida.

Referências

AUSTER, P. (2004). *A invenção da solidão*. São Paulo: Cia das Letras.

BAKHTIN, M. (Voloshinov, 1929). (1990). *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira, trad.). São Paulo: Hucitec.

BARBIER, R. (2007). *A Pesquisa-Ação*. (Lucie Didio, trad.). Brasília: Liber.

BOSI, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

- BRASIL. *Constituição*. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico.
- BRASIL, *LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96*. (2001). Rio de Janeiro: DP&A.
- BRAZELTON, T. B (2006). *O Grande Livro da Criança – o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. (9ª Edição). Lisboa: Editorial Presença.
- BUSCARATTO, C. E. (2015). *Contação de história: contribuições para a fé e moral no desenvolvimento da criança*. Tese. Artexpressa. São Paulo.
- CAFÉ, Â. B. (2005). *Dos contadores de história e das histórias dos contadores*. Goiânia: Editora UFG.
- CASASANTA, T. (1974). *Criança e literatura*. Belo Horizonte: Vega.
- CAVALCANTE, J. (2004). *Caminhos da leitura infantil e juvenil*. São Paulo: Paulos.
- COELHO, N. N. (2000). *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo, Moderna.
- COMENIUS, J. A. (2006). *Didática Magna*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- ERIKSON, E. H. (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ESTÉS, C. P. (1998). *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Rio de Janeiro: editora Rocco.
- FREIRE, P. (1982). *Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- IMBASSAHY, E. (1919). *Da gripe – etiologia, epidemiologia e prophylaxia*. Tese de doutoramento, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- KROGER, J. (1993). Ego identity: an overview. In J. Kroger, *Discussions on ego identity*, Hillsdale: Erlbaum.
- LEON-DUFOUR, X. et.al.. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Rio de Janeiro, Vozes, 1972.
- LEONTIEV, A. N. (1978). *O Homem e a Cultura*. In O Desenvolvimento do Psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte.
- MELLO, S. A. (2004). *A Escola de Vigotski*. In: CARRARA, Kester (org.). *Introdução à Psicologia da Educação*. São Paulo: Avercamp.
- MELLO, S. A. & MILLER, S. (2008). *O desenvolvimento da linguagem oral e escrita em crianças de 0 a 5 anos*. Curitiba, PR: Pró-Infantil Editora.
- PRIOLLI, J. *Fraldas e livros: a importância da leitura para a primeira infância*. Recuperado de: http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao_inicial/fraldas-livros-423723.shtml. Acesso em: 12 de maio de 2019.
- RIGLISKI, A. S. (2012). *Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância*. Ijuí.

- TAHAN, M. (1957). *A arte de ler e contar histórias*. Rio de Janeiro: Conquista.
- TAVARES, J. et al. (2007). *Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- THIOLLENT, M. (1988). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.
- UNESCO. (2000). *O marco de ação de Dakar Educação para Todos, 2000*.
- VIGOTSKI, L. S. (1995). *Obras escogidas III: psicologia infantil*. Madrid: Visor.
- VYGOTSKY, L. S. (1996). *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- VIGOTSKI, L. S. (2000). *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- VIGOTSKI, L. S. (2009). *A imaginação e a arte na infância: Ensaio Psicológico: livro para professores*. São Paulo: Ática.
- YOUNG, M. E. (org). (2010). *Do desenvolvimento da primeira infância ao desenvolvimento humano*. Lopes Magda, trad.). São Paulo, 2010.
- WALLON, H. (1986). *As origens do caráter*. São Paulo: Nova Alexandria.

Sobre os Autores

CASSIO EDUARDO BUSCARATTO

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1650-243>

Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico de Londrina (1988) e Unicesumar (2012), graduação em Filosofia pela Faculdade Integradas de Teologia e Filosofia (1995), graduação em História pelo Uniasselvi (2009). Especialização em ensino de História e História, Arte e Cultura. Mestrado e doutorado em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos (2013), Professor e ministro da IPI do Brasil, foi professor de História e Filosofia do Centro de Educação de Jovens e Adultos e do IFBaiano. Exerce trabalho voluntário - Agape Puppets do Brasil. Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Tem experiência na área de História e História da Igreja, com ênfase em Ensino de História, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, História da Educação e da Igreja, contação de histórias. Email – cebusc@gmail.com.

Submetido: 06 ago. 2020

Aceito: 21 set. 2020